

Algumas considerações sobre as dualidades conceituais saussurianas

Luiza Milano¹

Universidade Federal do Rio Grande de Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Carolina da Silveira Riter²

Universidade Federal do Rio Grande de Sul, UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil

Resumo: Desde a publicação do Curso de Linguística Geral de Ferdinand de Saussure, as dualidades que permeiam sua teoria se fazem presentes. Como um movimento de formalização científica, os efeitos do aspecto dual e das conhecidas “dicotomias saussurianas” reverberam nos estudos de base saussuriana até os dias de hoje. Contudo, parece-nos que tais dualidades, em suas essências, não possuem caráter antinômico, mas apontam para uma ideia de complementaridade, de relação. Propomo-nos, portanto, a revisitar as dualidades saussurianas (*langue* e *parole*, diacronia e sincronia, significado e significante e relações sintagmáticas e associativas) entendendo suas naturezas e as relações que estabelecem entre si. Além disso, destinamos um olhar atento à *duplessência* da linguagem, tecendo algumas considerações sobre forma e sentido. Esse estudo nos ajuda a entender o aspecto dual da teoria saussuriana para além da interpretação dicotômica, considerando-o, principalmente, como uma lógica organizadora do pensamento de Ferdinand de Saussure.

Palavras-chave: Dualidades; Essência Dupla; Estruturalismo.

Title: Some considerations about the conceptual dualities in the Saussurean legacy

Abstract: The dualities that permeate the Saussurean linguistics have been present since the moment that it had established itself as a science. As a way to formalize a scientific aspect, the effects of the well-known "Saussurean dichotomies" resonate in Saussurean studies to this day. However, it seems that Saussurean dualities, in their essence, do not possess an antagonistic character; they point towards an idea of complementarity, of relation. We propose, therefore, to revisit Saussurean dualities (*langue* and *parole*, diachrony and synchrony, signifier and signified, and syntagmatic and associative relations), in order to understand their dual nature and the conceptions they establish with each other. Additionally, we pay close attention to *de la double essence* of language, approaching some considerations on form and meaning. This study helps us to understand the dual aspect of Saussurean theory beyond a dichotomous interpretation, considering it primarily as an organizing logic of Ferdinand de Saussure's thought.

Keywords: Dualities; Dual Essence; Structuralism.

¹ Professora dos cursos de graduação em Letras e em Fonoaudiologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Pós-graduação em Letras da mesma universidade. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0040-7911>. E-mail: luizamilanos@gmail.com.

² Fonoaudióloga graduada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestre em Letras, com ênfase em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma universidade. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4614-0052>. E-mail: carolinariter@hotmail.com.

Introdução

Isaac Nicolau Salum, no prefácio à edição brasileira do Curso de Linguística Geral (CLG) lançada pela Editora Cultrix nos inícios dos anos 1970, apresenta as ideias de Ferdinand de Saussure através do que ele chama de “célebres dicotomias”:

Nunca Saussure esteve mais presente do que nesta década, em que ele é às vezes declarado “superado”. Só há, porém, um meio honesto de superá-lo: é lê-lo, repensar com outros os problemas que ele propôs, nas suas célebres dicotomias: *língua e fala, diacronia e sincronia, significante e significado, relação associativa (= paradigmática) e sintagmática, identidade e oposição* etc. (Saussure, 1974, p. XV).

A leitura dicotômica da obra saussuriana remonta suas origens, de acordo com o filósofo francês Dany Robert Dufour (2000), ao surgimento do estruturalismo. Nesse período, com a formação de metodologias mais firmes, áreas científicas ainda turvas, como a linguística, puderam delimitar seus objetos de maneira mais precisa.

Propondo similar observação, Gomes da Silva (2011) reforça que, em diversas áreas do conhecimento, uma abordagem dicotômica das teorias se configurou como forma de legitimar um pensamento e, com isso em vista, as ciências humanas não puderam escapar dessa tendência à binarização. Propondo uma visão distinta, para além desse olhar mais rígido, e atendo-se especificamente ao terreno da linguística, a pesquisadora sugere que, ao falarmos dos estudos da linguagem a partir do viés saussuriano, consideremos sempre o sistema como aberto.

Aliás, como lembra Joseph (2012), não se pode generalizar a repercussão da obra póstuma de Saussure – o CLG – reduzindo-a a um movimento/método/perspectiva que se desdobrou em muitas facetas interpretativas. O autor, por outro lado, elenca uma série de características de marcada herança saussuriana que são reconhecíveis nas diversas abordagens no campo das ciências humanas sob um viés estruturalista no início do século XX: uma orientação sincrônica, um olhar sobre a língua como sistema de signos, a consideração do signo como constituído por significado e significante, o caráter arbitrário dessa conjunção, a consideração do valor dos signos como oriundo do sistema, o caráter diferencial e negativo do valor linguístico (entendido como forma e não como substância), a consideração do sistema como psicológico, inconsciente e socialmente partilhado e a distinção entre *langue* e *parole*³ (Joseph, 2012). Joseph (2012) lembra que, no interior do Círculo Linguístico de Praga, as teses fundadoras do estruturalismo foram redigidas por um grupo encabeçado por Roman

³ Optamos por utilizar *langue* e *parole* tal como no idioma original francês, em vez dos termos “língua” e “fala”, presentes nas traduções do CLG para a língua portuguesa (Saussure, 1974, 2021), como forma de manter a alusão aos conceitos desenvolvidos pela teoria saussuriana. Essa decisão foi influenciada pelas reflexões de De Mauro na nota 68 da edição crítica do *Cours de Linguistique Générale* (Saussure, 2005), na qual o autor propõe que os termos *langue* e *parole* não sejam traduzidos. Nesse artigo de 2012, redigido originalmente em inglês, Joseph também opta pela grafia desses termos em francês.

Jakobson, e que tais teses estavam alicerçadas no método sincrônico iniciado por Saussure, acrescentando a ele a proposta das oposições binárias⁴.

Em artigo mais recente, Joseph (2022) volta ao polêmico tema das dicotomias apontando que a apresentação das díades *langue* e *parole* e significado e significante tinham, de fato, uma função metodológica na construção do pensamento do professor Ferdinand de Saussure ao apresentar seu raciocínio em suas aulas dos cursos de Linguística Geral, na Universidade de Genebra. O autor, contudo, considera um tanto reducionista a leitura que pretende enclausurar toda a complexa e inacabada reflexão de Saussure à leitura dicotômica que, muitas vezes, dela se faz.

Feitas essas ponderações, iniciaremos a seguir uma retomada das díades apresentadas no CLG seguida de uma interpretação que buscará sustentar a possibilidade de uma leitura dual destas que seja coerente com outras pistas que encontramos nos escritos de Saussure. Nesse caso, nosso ponto de chegada será a noção de duplo presente em “Sobre a essência dupla da linguagem”, documento encontrado mais recentemente, em 1996.

As dualidades saussurianas

Seguindo, então, a recomendação de Joseph (2012, 2022), lançaremos inicialmente um olhar sobre as dualidades – ou pares conceituais – presentes no CLG, lembrando que nossa posição de interpretação desses conceitos não segue a lógica antinômica das dicotomias, mas uma lógica dual, que aponta para a ideia de complementaridade. Obviamente, não reduzimos a interpretação do pensamento saussuriano a uma lógica estritamente dual. Ainda, nesse sentido, acompanhamos a leitura trinitária sugerida por Dufour (2000). No entanto, a apresentação dos pares conceituais nos parece indicar um importante caminho do próprio Ferdinand de Saussure para alicerçar a lógica de suas pesquisas e de suas lições, e será, por esse motivo, nosso ponto de partida no presente artigo.

Langue e parole

Começemos por um par que se destaca em razão das fortes interpretações que o levaram (esse par) a um lugar bastante sólido na construção das dualidades saussurianas: *langue* e *parole*. Não raramente, costuma-se interpretar que Saussure, ao dar ênfase ao estudo da *langue*, teria deixado de lado os aspectos mais específicos da *parole* – e concordamos com tal leitura. Saussure, como enfatizam os editores do CLG, Bally e Sechehaye, no Prefácio à Primeira Edição, não tinha a intenção de tornar a linguística uma disciplina completa. Justamente por outro lado, o professor genebrino, por meio de seus cursos, construiu uma teoria que, após seu falecimento, foi organizada e didatizada a partir de anotações suas e de seus alunos, tornando-se o que viemos a conhecer como o célebre Curso de Linguística Geral, obra dita fundadora da linguística moderna.

⁴ Cabe-nos aqui relativizar essa interpretação e lembrar as palavras de Albano Leoni (2022, p. 206): “poucas coisas me parecem mais estranhas ao pensamento linguístico saussuriano do que o binarismo fonológico”.

Sendo assim, Saussure dedicou-se ao estudo da *langue*, priorizando-a em relação à *parole* principalmente pela necessidade de estabelecer um recorte metodológico e um estatuto epistemológico à linguística. Tal fato não significa que outros pontos da teoria não seriam contemplados. Lacunas, portanto, foram deixadas, ainda que, como salientam Bally e Sechehaye, algumas promessas tenham sido feitas:

Em primeiro lugar, podem dizer-nos que esse “conjunto” é incompleto: o ensino do mestre jamais teve a pretensão de abordar todas as partes da Linguística, nem de projetar sobre todos uma luz igualmente viva; materialmente, não o poderia fazer. Sua preocupação era, aliás, bem outra. [...] Assim se explica que certas disciplinas mal tenham sido afloradas, a semântica, por exemplo. Não nos parece que essas lacunas prejudiquem a arquitetura geral. A ausência de uma “Linguística da fala” é mais sensível. Prometida aos ouvintes do terceiro curso, esse estudo teria tido, sem dúvida, lugar de honra nos seguintes; sabe-se muito bem por que tal promessa não pôde ser cumprida (Saussure, 1974, p. 3-4).

Podemos dizer, portanto, que Saussure priorizou o estudo da *langue* nos cursos ministrados até seu falecimento. Contudo, não excluiu a *parole*; pelo contrário, em algumas passagens do CLG, a teoria linguística por ele apresentada clama por ela, destacando as relações que se estabelecem no fenômeno *langue-parole*⁵.

Quando definidas, *langue* e *parole* são vistas como as duas partes do estudo da linguagem, sendo a primeira essencial, social e “unicamente psíquica” e a segunda, referindo-se à parte individual da linguagem, “psico-física” (Saussure, 1974, p. 27). Porém, ainda que ambas sejam de naturezas distintas, a interdependência entre *langue* e *parole* é notável ao considerarmos que a *langue* é necessária para que a *parole* produza seus efeitos, ao mesmo tempo em que a *parole* é necessária para que a *langue* se estabeleça. Suas naturezas não se opõem, mas parecem se complementar na formação de um só fenômeno linguístico.

Do lado da *langue*, temos um sistema de significantes distintos que correspondem a significados distintos, caracterizando um conjunto de convenções necessárias que são adotadas pelo corpo social. Do lado da *parole*, temos as combinações individuais que dependem de cada sujeito falante, envolvendo também os atos de fonação⁶ necessários para a sua produção. Contudo, tais naturezas se afastam apenas em nível conceitual. Ao considerarmos o fenômeno *langue-parole*, temos um sistema de valores comuns ao coletivo que é, ao mesmo tempo, individual e próprio a cada sujeito falante.

Ainda que, mais diretamente, tome-se a *langue* como objeto no terreno da linguística, em diversos momentos, como bem exposto no CLG, é preciso pedir luzes ao estudo da *parole*, sendo necessário realizar um esforço “para jamais transpor os limites que separam os dois domínios” (Saussure, 1974, p. 28). Revela-se, assim, uma característica dual fundante dos estudos da linguagem.

⁵ Acatamos a sugestão de Milano e Stawinski (2024, p. 16) de inserir a união gráfica dos conceitos *langue* e *parole* pelo traço “-”, para enfatizar a indissociabilidade destes.

⁶ Ou gestuais, no caso de línguas de sinais, ou, ainda, gráficos, no caso da modalidade escrita.

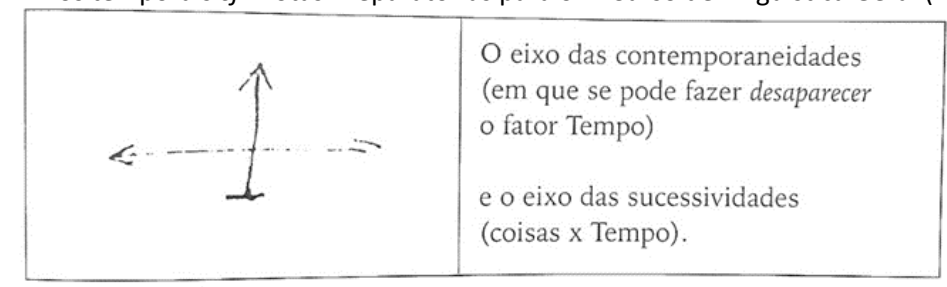
Diacronia e sincronia

Diacronia e sincronia são comumente vistas como um par dicotômico da teoria saussuriana – talvez por serem caracterizadas, em suas definições, como “duas rotas absolutamente divergentes” (Saussure, 1974, p. 94) pelas quais a linguística se molda quando considerado o efeito do tempo agindo sobre a *langue*.

No CLG, porém, a necessidade de olhar para esses dois eixos se faz explícita: “Acrescentemos ainda que quanto mais um sistema de valores seja complexo e rigorosamente organizado, tanto mais necessário se faz, devido à sua complexidade, estudá-lo sucessivamente segundo seus dois eixos” (Saussure, 1974, p. 96). Compartilhando do mesmo objeto, dois pontos de vista metodológicos – que se opõem e se cruzam – são assim definidos.

O esboço desses eixos pode ser recuperado por meio do documento “Notas Preparatórias para o III Curso de Linguística Geral”, material presente nos Escritos de Linguística Geral (ELG), no qual são nomeados então como eixo das contemporaneidades e eixo das sucessividades (Saussure, 2004):

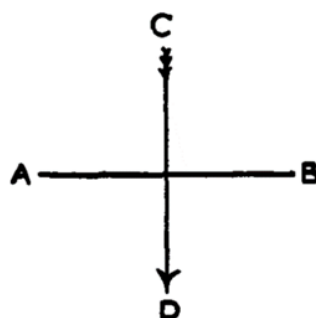
Figura 1 – Eixos temporais *cf.* Notas Preparatórias para o III Curso de Linguística Geral (1910-1911)



Fonte: (Saussure, 2004, p. 287).

Essa proposta de Saussure é levada pelos editores ao CLG, expondo os eixos através dos quais é possível analisar o objeto da linguística:

Figura 2 – Eixos temporais *cf.* CLG (1916)



Fonte: (Saussure, 1974, p. 95).

O eixo AB refere-se à simultaneidade, na qual as mudanças causadas pela passagem do tempo sobre as línguas são desconsideradas: trata-se uma perspectiva sincrônica. O eixo CD, por sua vez, refere-se à sucessividade, levando em conta transformações das línguas no decorrer do tempo: trata-se de uma perspectiva diacrônica.

Nesse sentido, a linguística sincrônica proposta por Saussure se refere a um recorte do sistema linguístico num dado momento, a um estado de *langue*. A sucessão dos fatos no tempo não corresponde ao ponto de maior interesse da perspectiva sincrônica, estando o olhar dessa abordagem voltado às relações que unem termos coexistentes em um determinado recorte de tempo. Já a linguística diacrônica está ligada às evoluções, às mudanças linguísticas, fazendo das relações que se sucedem no tempo seu objeto. Num ponto de vista diacrônico, olha-se para o funcionamento das mudanças que operam substituindo elementos e busca-se explicar as suas lógicas.

Ainda que consigamos perceber e descrever a diferença entre sincronia e diacronia, trata-se de nada além do que uma separação metodológica e de um exercício didático, tendo em vista que, ao considerarmos o exercício da *langue* pela *parole* nos sujeitos falantes, leis sincrônicas e diacrônicas estão presentes a todo momento. A separação desses pontos de vista se faz necessária nos estudos da linguagem como forma de delimitar objeto e método. Tal exercício foi proposto por Saussure como uma resposta à linguística do século XIX, representando uma significativa renovação metodológica.

Os eixos sincrônico e diacrônico se opõem absoluta e irreduzivelmente. Contudo, mostra-se necessário que operem justamente a partir de suas diferenças para que a complexidade do objeto seja compreendida, como salientado no CLG: “[...] a verdade sincrônica parece ser a negação da verdade diacrônica e, vendo as coisas superficialmente, parecerá a alguém que cumpre escolher entre as duas; de fato, não é necessário; uma das verdades não exclui a outra” (Saussure, 1974, p. 112).

Significado e significante

A partir de Saussure, a linguística passa a ter uma definição de unidade, o signo linguístico, que, por sua vez, é formado por duas faces: o significado (ou conceito) e o significante (ou imagem acústica). Tanto significado quanto significante possuem um caráter abstrato, e tal característica é reforçada no CLG:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegamos a chamá-la de material, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo de associação, o conceito, geralmente mais abstrato (Saussure, 1974, p. 80).

A compreensão dicotômica desse par resulta, talvez, de uma leitura mais apressada da teoria saussuriana, pela qual é possível interpretar que o significado possui caráter abstrato, enquanto o significante se refere à porção concreta. Tal leitura não está totalmente equivocada; contudo, importantes considerações devem ser acrescentadas.

O significado se caracteriza, realmente, como a porção totalmente abstrata do signo linguístico e, por ela, deparamo-nos com os contrastes de valor a nível conceitual. O significante possui natureza mais complexa e, portanto, é bastante arriscado defini-lo como

correspondendo apenas à porção concreta, tendo em vista que ele não é a pura materialidade, como salientado na citação anterior.

O significante possui caráter concreto e abstrato, visto que, ao mesmo tempo em que é constituído pela materialidade fônica, é necessário que produza uma impressão psíquica desse som. Caso fosse tomado como som puramente material, estaríamos ignorando a potência de representação simbólica que, por sua vez, é necessária para que significante e significado se unam na composição do signo linguístico⁷.

É dessa forma que significante e significado constituem o signo linguístico, uma “entidade psíquica de duas faces” na qual “esses dois elementos estão intimamente ligados” (Saussure, 1974, p. 80). De acordo com as reflexões saussurianas, é possível perceber que significante e significado não se contradizem nem se situam em lados opostos – eles, inclusive, compartilham da natureza abstrata. Enxergamos nessas duas faces do signo linguístico a união das naturezas concreta e abstrata, e, a partir disso, é possível considerar os signos como parte da *langue*, um sistema que prevê elementos articulados por uma noção de valor que se dá por meio do contraste de diferenças.

Relações sintagmáticas e associativas

O mecanismo da *langue* opera a partir de relações que se diferenciam ao detalharmos suas particularidades. As relações sintagmáticas se baseiam no caráter linear da *langue*, na cadeia de significantes que se constrói elemento após elemento. Essa característica se mostra na impossibilidade de pronunciar dois ou mais signos ao mesmo tempo. Há, portanto, um alinhamento das unidades na *parole*, formando combinações que se acomodam na extensão: os sintagmas (Saussure, 1974). Considerando as relações sintagmáticas, um signo tem valor ao se opor ao signo anterior e ao seguinte – tais relações se dão *in praesentia*.

As relações associativas, por sua vez, se dão *in absentia*. Considerando a virtualidade da *langue*, no âmbito do circuito da *parole*, outros signos se associam àqueles que vão sendo evocados. Dessa forma, é o acesso ao tesouro linguístico de cada indivíduo que está em jogo nas relações associativas: signos que se aproximam (em maior ou menor grau) em valor, de alguma maneira, formam relações com aquele em questão. Tais relações podem se dar via radical, via sufixo, via afinidade ou oposição semântica etc., formando uma rede associativa tal como uma constelação (Saussure, 1974).

Percebemos a notável diferença entre essas relações ao passo que, enquanto no eixo sintagmático há um limite de relações e de signos representado pela linearidade, o eixo associativo se mostra como uma rede livre de tamanho indefinido. Esses dois eixos são necessários na formação da identidade de um signo justamente por meio das diferenças que se manifestam através do entrecruzamento dos eixos sintagmático e associativo. É assim que, no mecanismo da *langue*, as relações sintagmáticas e associativas, de forma interdependente, estabelecem o valor linguístico de um signo.

⁷ Em Milano e Riter (2023) e Riter (2024), para além da abordagem dual, apontamos que o significante possui um aspecto trino, que engloba os aspectos articulatório, acústico e representacional simultaneamente.

A *duplessência*⁸ da linguagem

Conforme mostramos nas linhas que antecedem, o aspecto duplo da linguagem está presente em várias passagens do CLG. Para além dessa constatação – ou confirmação, afinal, a ideia de duplo está presente também em uma interpretação que faça desses pares conceituais uma leitura dicotômica –, nosso objetivo até aqui foi, ao reconhecer o aspecto dual da proposta que se lê no CLG, apontar que nossa compreensão acerca do duplo não tende à polarização no que diz respeito à proposta saussuriana. Nosso entendimento da apresentação que é feita dos pares conceituais na referida obra é a de uma abordagem complementar em vez de antagônica.

No entanto, não é apenas no CLG que nos deparamos com referências ao duplo. Ao investigarmos manuscritos saussurianos encontrados mais recentemente (em 1996), percebemos que tal questão estava já anunciada desde o título do documento autográfico “Sobre a essência dupla da linguagem” (Saussure, 2004, 2011). Inclusive, nas primeiras linhas do referido documento, pode-se ler: “É errado (e impraticável) opor a *forma* e o *sentido*. O que é certo, em troca, é opor a *figura vocal*, de um lado, e a *forma-sentido* de outro” (Saussure, 2004, p. 21).

Rudolf Engler (1997, 2000), importante curador dos documentos saussurianos, é taxativo ao dizer que os registros presentes nos papéis sobre a *duplessência* apontam que Saussure estava convencido da natureza dupla da linguagem. Essa natureza dupla, segundo Engler (2000), vem a se tornar a dupla essência, o que, para o autor, inclui a duplicidade som-sentido. Vejamos como isso está registrado:

O dualismo profundo que divide a linguagem não reside no dualismo do som e da ideia, do fenômeno vocal e do fenômeno mental; essa é a maneira fácil e perniciosa de concebê-lo. O dualismo reside na dualidade do fenômeno vocal COMO TAL e do fenômeno vocal COMO SIGNO⁹ – do fato físico (objetivo) e do fato físico-mental (subjetivo), de maneira alguma do fato « físico » do som por oposição ao fato « mental » da significação. Há um primeiro domínio, interior, psíquico, onde existe o signo assim como a significação, um indissolivelmente ligado ao outro; há um segundo, exterior, onde existe apenas o « signo » mas, nesse momento, o signo se reduz a uma sucessão de ondas sonoras que merece de nós apenas o nome de figura vocal (Saussure, 2004, p. 24).

Como dito acima, o que seria de fato o essencialmente duplo na linguagem para Saussure parece residir não somente na oposição entre forma e sentido, mas também (e, talvez, principalmente) entre figura vocal e forma-sentido (Saussure, 2004, p. 21). Acrescenta-se a isso a observação de Frydrych (2020), que aponta ser dupla a essência em diferentes modalidades linguísticas, visto que o que está em jogo não é a substância em si:

⁸ Assumimos aqui o registro da forma neológica *duplessência* sugerida por Stawinski (2020), Frydrych (2020) e Milano (2022).

⁹ É importante sublinhar que tanto no CLG como nos ELG (e, portanto, em diversas fontes saussurianas) há uma flutuação terminológica quanto ao uso de “signo” por Saussure: ora ele se refere ao conjunto significado/significante, ora se refere apenas à porção significante, como parece ser o caso das quatro ocorrências do termo nesse recorte oriundo dos ELG.

A partir do princípio saussuriano da *duplessência* da linguagem depreende-se, portanto, o duplo estatuto do gesto em relação à língua, independentemente da modalidade em relação à qual esteja implicado, às línguas de sinais, ou às línguas orais; o aspecto gestual é dual (assim como o fenômeno vocal), estando o estatuto linguístico ligado a esse princípio (Frydrych, 2020, p. 130).

Cabe ainda mais um registro antes de nos encaminharmos para o final de nossa reflexão. Para além do CLG, das Notas para o III Curso de Linguística Geral e do documento “Sobre a essência dupla da linguagem”, temos percebido que há pistas a respeito do estatuto do duplo também em outras fontes saussurianas, como, por exemplo, no manuscrito “*Phonétique*” (Saussure, 1995). A pesquisadora italiana Maria Pia Marchese (1995), atual curadora desse material, ao considerar os aspectos concreto e abstrato nos documentos saussurianos sobre fonética/fonologia, destaca que nesse manuscrito o dualismo acústico e articulatorio da noção de fonema é pautado por Saussure a partir da ideia de unidade. Ou seja, a ideia da unidade fonema depende da existência de aspectos que se apresentam aos pares: os aspectos acústico e articulatorio; a consideração simultânea das instâncias concreta e abstrata; e a análise da individuação e do encadeamento dessas unidades fônicas (Saussure, 1995).

Marchese (2022) inclusive aponta que, possivelmente, tais reflexões presentes no manuscrito “*Phonétique*” foram consultadas por Bally e Sechehaye na elaboração do CLG. Dentre outras constatações com que nos deparamos a esse respeito, destacamos um recorte em especial presente no Apêndice “Princípios de Fonologia” do CLG:

O fonema é a soma das impressões acústicas e dos movimentos articulatorios da unidade ouvida e da unidade falada, das quais uma condiciona a outra; portanto, trata-se já de uma unidade complexa, que tem um pé em cada cadeia (Saussure, 1974, p. 51).

Nessa citação, temos um exemplo bastante ilustrativo da lógica dual alicerçando a configuração de unidades conceituais no pensamento saussuriano.

Igualmente, em muitas passagens que versam sobre o signo linguístico (Saussure, 1974) encontramos a alternância da consideração do significante como *imagem* acústica e como *impressão* acústica. Reconhecemos aí, para além da oscilação terminológica de um pensamento em construção, a possibilidade de uma leitura sobre a existência dupla – concreta e abstrata – da entidade (aqui, referimo-nos ao fonema ou a qualquer outra unidade que se queira considerar como signo, tal como o acento, a sílaba ou a palavra). Novamente, ressaltamos a recorrência da lógica dual na organização do pensamento de Saussure.

No entanto, cabe atentar para o fato de que, na proposta saussuriana, não se parte de uma essência “naturalmente” dupla, dupla em si mesma. Ou seja, é importante frisar que a essência que está em jogo na reflexão saussuriana não corresponde à ideia de substância física ou natural. Ao contrário, ao se referir à *duplessência* da linguagem, o genebrino aponta justamente para a dupla condição do signo linguístico, composto simultaneamente por concretude e abstração.

Acreditamos se tratar, antes, de uma dupla condição do objeto da linguística (e de suas respectivas unidades): ele porta uma materialidade para, subsidiado pela lógica do valor linguístico, evocar diferenças e oposições no interior do sistema ao qual pertence. Esse valor que emana do sistema necessariamente pressupõe uma condição semiológica. É a isso que Saussure parece se referir ao evocar a *duplessência* da linguagem, já que essa dupla existência – figura vocal como puro som e figura vocal como significante – coloca, no âmbito da ciência da linguagem, a materialidade fônica a serviço da significação.

Conclusão

O presente artigo buscou resgatar, no legado de Ferdinand de Saussure, as díades conceituais pelas quais somos inicialmente apresentados à teoria desenvolvida pelo dito pai da linguística moderna. Os pares *langue* e *parole*, diacronia e sincronia, significado e significante e relações sintagmáticas e relações associativas foram por nós retomados através do Curso de Linguística Geral (Saussure, 1974).

Realizamos essa tarefa tendo em mente que corríamos o risco de empreender uma leitura das referidas díades que soasse antagônica ou dicotômica. Superado o risco de nossa abordagem ser espreitada por esse viés antinômico, apontamos justamente a ideia de complementaridade que esses pares conceituais apresentam quando se trata de compreender a lógica dos estudos da linguagem a partir do pensamento saussuriano.

As diferentes fontes por nós pesquisadas – o CLG, o documento “Sobre a essência dupla da linguagem”, o documento “Notas preparatórias para o III Curso de linguística Geral” e o manuscrito “*Phonétique*” – dão uma amostra de que os pares conceituais foram organizadores do pensamento saussuriano, tanto em suas exposições públicas (as aulas de Linguística Geral ministradas em Genebra) como nas fontes manuscritas autográficas por ele não publicadas (ou seja, em seus momentos de pesquisa solitária).

Passados mais de cinquenta anos que Salum reconheceu a importância e a atualidade da teoria saussuriana (Saussure, 1974), seguimos vendo em Saussure um pensamento complexo e com possibilidades interpretativas sempre novas. Os efeitos do movimento estruturalista sobre a linguística parecem ter convidado a uma leitura binária dos conceitos saussurianos muitas vezes pautada pelo viés dicotômico – bem sabemos que isso marcou a formação de uma geração de pesquisadores, e é importante reconhecer que isso faz parte da recepção do legado saussuriano e da história das ideias linguísticas.

Cabe aos pesquisadores desta geração, portanto, atendendo à recomendação de Salum, reler os conceitos saussurianos no contexto de nossa contemporaneidade. Isso envolve levar em consideração a fortuna crítica que se acumulou ao longo dos últimos 108 anos desde a publicação do CLG. É nesse sentido que inscrevemos a presente reflexão, convidando os demais pesquisadores do campo a considerarem a pertinência desse sutil deslocamento interpretativo que ora apresentamos.

Em tempo: o presente artigo não poderia ser concebido e escrito senão a partir da condição dual. Sentimo-nos, no decorrer do percurso de escrita deste texto, radicalmente enlaçadas no e pelo gesto de dialogia que evoca uma rede de camadas e de reflexões sobre o estatuto do duplo na teoria saussuriana. Dessa forma, acreditamos que falar sobre o dual, para nós, passou necessariamente pelo processo de escutar, uma da outra, ideias que repercutem nesta coautoria.

Referências

- ALBANO LEONI, F. Saussure, a sílaba e o fonema. *ReVEL*, edição especial, v. 20, n. 19, p. 186-211, 2022.
- DUFOUR, D. R. *Os mistérios da trindade*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2000.
- ENGLER, R. Ferdinand de Saussure. De l'essence double du langage. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 50, p. 201-205, 1997.
- ENGLER, R. La langue, pierre d'achoppement. *Modèles linguistiques*, n. 41, p. 9-18, 2000.
- FRYDRYCH, L. A. K. *A essência dupla da linguagem: materialidade gestual em questão*. 2020. 163 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.
- GOMES DA SILVA, D. L. Benveniste-Saussure: para além da ordem do dois? *ReVEL*, v. 9, n. 16, p. 86-111, 2011.
- JOSEPH, J. E. *Saussure*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- JOSEPH, J. E. Saussure's dichotomies and the shapes of structuralist semiotics. *Sign Systems Studies*, v. 50, n. 1, p. 11-37, 2022.
- MARCHESE, M. P. Introduzione. In: SAUSSURE, F. *Phonétique*. Il manoscritto di Harvard. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue: Unipress, 1995.
- MARCHESE, M. P. Os manuscritos saussurianos sobre a fonética, do Mémoire ao CLG. *ReVEL*, edição especial, v. 20, n. 19, p. 145-160, 2022.
- MILANO, L. *A duplessência da linguagem: afinal, de que duplo se trata?* In: SILVEIRA, E; HENRIQUES, S. M. (Orgs.). *Saussure: manuscritos, aulas e publicações*. Uberlândia: EDUFU, 2022. p. 61-77.
- MILANO, L.; RITER, C. Entre o articulatório, o acústico e o representacional: uma releitura do significante. *Revista Linguagem & Ensino*, v. 26, n. 2, p. 270-281, 2023.
- MILANO, L.; STAWINSKI, A. V. *O rastro do som em Saussure*. São Leopoldo: Oikos, 2024.

RITER, C. S. *Um, dois, três: sobre o aspecto trino do significante*. 2024. 95 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2024.

SAUSSURE, F. *Cours de Linguistique Générale*. Édition critique préparée par Tullio De Mauro. Paris: Payot, 2005.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1974.

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Editora Parábola, 2021.

SAUSSURE, F. de. *Phonétique. Il manoscritto di Harvard*. Houghton Library, edizione a cura de Maria Pia Marchese, Università degli studi di Firenze. Padoue: Unipress, 1995.

SAUSSURE, F. *Escritos de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAUSSURE, F. *Science du langage*. De la double essence du langage et autres documents du ms. BGE Arch. De Saussure 372. Éditions critique partielle mais raisonné et augmentée des Écrits de linguistique générale, établie par René Amacker. Genebra: Droz, 2011.

STAWINSKI, A. *À escuta da língua-parole: considerações a partir da teoria saussuriana*. 2020. 186 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

Recebido em: 29/03/2024.

Aceito em: 22/07/2024.